

O Conceito de Família na Teoria Psicanalítica: Uma Breve Revisão

The Concept of Family in the Psychoanalytical Theory: A Brief Review

João Gualberto Teixeira de Carvalho Filho¹

Resumo

Este artigo apresenta uma revisão do conceito de família na teoria psicanalítica. Para tanto, percorre pontualmente os textos freudianos da família primeva à finalização do Complexo de Édipo e aponta as posteriores modificações propostas por Melanie Klein e Lacan. Mostra a importância da discussão do conceito de família tanto na teoria como no atendimento psicanalítico em consultório e em instituições de saúde.

Palavras-chave: família; psicanálise; cuidados em saúde.

Abstract

This article presents a literature review about the concept of the family in the psychoanalytical theory. It explores the freudian writings from the primal family to the resolution of the Oedipus Complex. It points out the later modifications proposed by Melanie Klein and Jacques Lacan. It shows the importance of the discussion of the concept of family both for the theory and for the clinical practice in private office and in health institutions.

Key words: family; psychoanalysis; health care.

¹ Psicólogo e Psicanalista, Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil. Mestrando no Mestrado em Psicologia da UFSJ, área de concentração "Estudos Psicanalíticos". Contato: jogual@ufsj.edu.br .

Introdução

Em nossa prática clínica, em consultório e em instituições de saúde, atendemos muitas vezes a família. Isso acontece na psicanálise de crianças, quando entrevistamos os pais ou familiares, como também no atendimento de psicóticos, nos primeiros contatos com os responsáveis que encaminham o cliente até o consultório.

No exercício do trabalho em saúde pública, somos muitas vezes chamados a atender famílias. Citamos como exemplo o trabalho de inserção do psicólogo no Programa de Saúde da Família (PSF). Neste, uma equipe interdisciplinar (agente de saúde, enfermeiros, médicos, psicólogo) realiza o atendimento denominado visita domiciliar, procedimento de entrevista na casa do paciente, com toda a família, tendo como objetivo a intervenção primária.

A visita domiciliar é um dos instrumentos básicos da estratégia de saúde da família e tem por finalidade conhecer as condições de vida e saúde das famílias, proporcionar atendimento primário com foco na informação, diagnóstico e encaminhamento. Além disto, visa subsidiar a intervenção no processo saúde-doença e o planejamento de ações que promoverão a saúde na coletividade.

Para os profissionais de psicologia surgem, então, perguntas: Como atender a família? Como grupo? Como pensar e lidar com a transferência? Qual o conceito de família na teoria psicanalítica?

Pensando nessas indagações, vemos a necessidade de melhor sistematização desse conceito na teoria psicanalítica, mais propriamente em Freud, Klein e Lacan. Assim, o objetivo desse artigo é proporcionar uma visão geral e breve do conceito de família na teoria psicanalítica e, dessa forma, produzir indagações que permitiriam uma reflexão sobre a prática profissional e pesquisas posteriores sobre o tema.

A Família Freudiana

Em 1897, ao abandonar a teoria da sedução, Freud menciona pela primeira vez o complexo de Édipo:

A lenda grega captou uma compulsão que todos reconhecem porque todos sentiram. Cada espectador foi um dia, em germe, na imaginação, um Édipo e se aterroriza diante da realização de seu sonho transposto na realidade. Estremece diante de toda a dimensão do recalçamento que separa seu estado infantil de seu estado atual.” (Freud, *La naissance de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1991, p. 198)

O homem edípiano vai aparecer no momento da passagem de Freud de uma concepção traumática do conflito neurótico para uma teoria do psiquismo inconsciente. Mais tarde, na interpretação dos sonhos, Freud associa Édipo e Hamlet aos deuses gregos, criando a cena do desejo de incesto e de assassinato do pai, inaugurando assim, um modelo de romance familiar que sustentara a família ocidental cristã por um século (Freud, 1900/1980).

Para a psicanálise freudiana, a concepção da família é, portanto, fundada no assassinato do pai pelo filho, na rivalidade deste em relação ao pai, no questionamento da onipotência patriarcal e na emancipação das mulheres da opressão paterna.

O sonho do incesto, a culpa do filho pelo assassinato do pai e desejo pela mãe torna-se um modelo único e universal batizado por Freud de *Ödipus – Komplese* (um tipo especial de escolha feita pelo homem (Freud, 1910, Obras C. Vol 11). Reinventando o Édipo, Freud assegura o funcionamento simbólico da família.

Retomando Hamlet, Freud o associa a Édipo para construir melhor o Complexo, criando um personagem inconsciente (Édipo) em fusão com um elemento consciente (Hamlet).

Podemos dizer que Édipo estava para a teoria, assim como Hamlet está para a clínica. Frente à decadência da vida familiar burguesa, Freud lança mão do complexo de Édipo para restaurar a família enquanto instituição, agora simbólica e inconsciente. A Lei do pai (simbólica) remete a um sujeito culpado de seu desejo (inconsciente). Completando a criação de seu complexo, Freud, adiciona a Édipo (inconsciente), Hamlet (culpa do desejo) e os irmãos Karamazov (o assassinato do pai, real) (Freud, 1928-1927/1980).

Questionando a morte do pai, Freud nos remete ao pai totêmico, primevo, devorador e criminoso, em suas duas grandes obras: *Totem e Tabu* e *Moisés e o Monoteísmo* (1939/80), onde torna o complexo de Édipo universal, por ligá-lo aos dois interditos fundamentais da cultura.

Consequentemente, o poder na sociedade pode ser centrado em três imperativos: um ato fundador (morte do pai), necessidade da lei (punição) e renúncia ao despotismo do pai tirano da horda selvagem. Na evolução do indivíduo, estes três imperativos têm, como consequência, três estágios: no período animista, onipotência e narcisismo infantil; na fase religiosa, poder divino e paterno; e, finalmente, na época científica, o logos (Freud, 1939/1980).

A família freudiana adota como sua base a culpa e a lei moral, fundamenta o desejo entre condições conflitantes da autoridade, rebeldia,

universal, diferença, crime, castigo. Esta nova concepção de família, do início do século XX, será capaz de lidar não só com o declínio da autoridade paterna, mas também com a conseqüente emancipação da subjetividade, uma vez que tem como seu cerne o amor, o desejo e a sexualidade. Esta família afetiva implica, através do interdito do incesto, no reconhecimento do inconsciente, do desejo e da própria subjetividade.

Peça fundamental, o complexo de Édipo fundamenta a psicanálise fazendo dela a expressão da busca da identidade. A libido enquanto desejo é a expressão da pulsão no centro da lei da aliança e da filiação. Amor e trabalho, Eros e Ananké fundam a cultura. De fato, ao submeter o sujeito à lei de um logos separador interiorizado e conseqüentemente desvinculado da tirania patriarcal, a família o leva a entrar em conflito com ela. Admitindo a universalidade de uma estrutura edipiana de parentesco, Freud nos permite dar conta da natureza inconsciente das relações de ódio e de amor entre homens e mulheres, pais e filhos, mas principalmente rearranjar a ordem patriarcal em torno da questão do desejo (Freud, 1980, pp.1012-13).

Todavia, mesmo transferindo, na teoria, a antiga soberania patriárquica para uma nova ordem simbólica, e tendo como esteio a crença de que o desejo é, ao mesmo tempo, culpado e necessário ao homem, e de que necessariamente é preciso sublimar para criar civilização, Freud não desfez o vínculo entre desejo sexual e procriação e não reconheceu a força de ruptura de sua teoria. Por outro lado, ele teoriza a passagem do filho-objeto para o filho-sujeito permitindo a progressiva separação do sexo e da procriação.

Portanto, como vimos, Freud trabalha a noção de família, desde a família totêmica à família edípica, utilizando o conceito de complexo. Podemos citar: *Totem e tabu* (1912-1913/1980), *Romance familiar do neurótico* (1909 [1908]/1980), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924 [1923]/1980), *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]/1980), entre outros. Para construir teoricamente o conceito de família, ele utiliza os complexos de desmame, de castração, isto é, o complexo de Édipo. Em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924 [1923]/1980), Freud diz:

descrevi noutra parte como esse afastamento se realiza. As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no eu e aí forma o núcleo de supereu, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o eu do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao

complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição” (p. 221).

Essa transposição mostra um declínio necessário da antiga tirania patriarcal. Temos, para a psicanálise, uma concepção de família fundada no assassinato do pai pelo filho, na rivalidade deste em relação ao pai, no questionamento da onipotência patriarcal. Portanto, Freud, para fazer frente à irrupção da barbárie, com a dissolução da autoridade paternal, reinventa o mito de Édipo, atribuindo ao inconsciente o lugar da soberania do pai (pai simbólico) e restabelece a lei da diferenciação: entre os sexos, entre gerações, e entre pais e filhos. Descentra, assim, a subjetividade, trabalhando o lugar do filho como o culpado do desejo, mas acrescenta a possibilidade do parricídio para justificar a nova lei, a lei do pai simbólico.

O Complexo de Édipo freudiano tem como base dois desejos recalcados: desejo de incesto e desejo de matar o pai, presentes nos dois tabus do totemismo, o interdito do incesto e o interdito de matar o pai totem (Freud, 1912-1913/1980), sendo, portanto, universal e fundador da sociedade humana. Freud traz, assim, uma teoria antropológica da família e da sociedade tendo como base os dois elementos: a culpa e a lei moral

Com o Complexo de Édipo, Freud (1924 [1923]/1980) responde, no final do século XIX, ao declínio da autoridade paterna, inscrevendo a família no centro de uma nova ordem simbólica centrada no filho-pai herdeiro do patriarca mutilado. Tal invenção permite à sociedade se ligar com o declínio da soberania do pai, mas principalmente com a emancipação da criatividade. Por quanto tempo?

A invenção freudiana do Complexo de Édipo não busca nem a restauração da tirania do patriarca, nem a do matriarcado, mas evita a abolição da família, dando conta da natureza do inconsciente e do desejo entre os seus membros, em que *reencentra* a antiga ordem patriarcal. Como conseqüência do modelo edipiano, temos: a revolução da afetividade (amor-desejo-casamento), o lugar preponderante concedido ao filho e a prática da contracepção. Tais procedimentos levam a uma modificação intensa na dinâmica e estrutura das famílias dos séculos XX e XXI.

Elisabeth Roudinesco, em seu livro *A família em desordem* (2002), empreende um histórico da evolução da família, da Grécia aos tempos modernos, e aponta o pensamento freudiano respaldado em Sófocles e Shakespeare, entre Édipo e Hamlet. Dessa forma, situa a idéia freudiana de família já no declínio da autoridade paterna.

A Família no Pensamento de Melanie Klein

Melanie Klein, pelo seu interesse voltado para a origem das psicoses e para as relações arcaicas com a mãe, trabalha a criança pelo material já recalcado, tornou possível a mudança de enfoque da psicanálise em relação à análise de crianças. Klein mostra que, ao contrário da afirmação de Freud, é possível analisar a criança; derruba a dificuldade do vocabulário criando a cura pelo brinquedo. Demonstra a possibilidade da transferência infantil, tratando precocemente a questão do super-eu, idéia posteriormente utilizada por Lacan, e por este viés consegue acesso à vida “imaginária” infantil, suas imagos maternas e seus objetos parciais. Este conhecimento leva Melanie Klein a centrar seu trabalho nas vivências edípicas dos primeiros meses de vida, onde foca as relações do sujeito com a mãe, como objeto parcial. Neste trabalho o realce é dado às relações de ódio e de amor que, em jogo de identificação, projeção e introjeção, determinam a formação do eu (Klein, 1970).

A função paterna, presente desde os primeiros meses dentro da relação mãe-filho, vem, na teoria kleiniana, complementar e ativar o Édipo da criança. As duas posições, esquizo-paranóide e depressiva, descrevem as relações de ódio e amor entre a criança e sua mãe, trazendo à luz da psicanálise todo o material recalcado que Freud só teve acesso em adultos em regressão. Isto centra a questão da família, na obra kleiniana, nos primeiros anos de vida da criança e sua relação com a mãe, mas sem descartar a posterior vivência descrita por Freud.

Melanie Klein segue os passos de Freud, para modificá-los, presa a seu interesse na origem das psicoses e, portanto, nas relações arcaicas com a mãe, vai maternalizar a família psicanalítica, colocando a mãe como objeto de todas as projeções odiosas e funcionais, sem utilizar nenhuma realidade antropológica (Klein, 1973).

A autora mostra que estão presentes na família moderna desejos funestos e tormentosos, geradores de inúmeras patologias e, portanto, requisitantes da norma no cerne da relação entre a mãe e o filho. Essa norma, autoridade do pai, torna-se apenas suporte do poder da mãe sobre o filho, desembocando na noção da autoridade partilhada, desenvolvida posteriormente por Winnicott em *A criança e seu mundo* (1975).

A partir das idéias de Winnicott, vamos encontrar o conceito de família ligado à idéia de dinâmica como eixo para sua construção. Essa

dinâmica será descrita como a dinâmica do inconsciente, e os mecanismos psíquicos básicos para se entender kleinianamente o funcionamento da família serão: a identificação projetiva e a identificação introjetiva.

Lacan: a Família, o Simbólico e o Real

Já em 1938 Lacan publicava a síntese da situação da família ocidental no período pré-guerra. Neste texto, utilizando dos conhecimentos clínicos sobre o Édipo e de análise das teorias psicanalíticas, antropológicas e sociológicas, ele leva a uma nova compreensão sobre a família e sua evolução. Utiliza as afirmações de Melanie Klein, mas acrescenta idéias do biólogo alemão Jakob Von Meseküll sobre a interiorização do meio no vivido de cada espécie, uma relação de dependência entre o meio e o indivíduo, que é determinado pela interiorização do meio. Portanto, teoriza que a família passa a ser organizada por imagos, conjunto de representações marcadas pelo materno e paterno.

Submetendo a família a uma visão crítica da razão, emprestada da antropologia moderna e a uma leitura freudiana, Lacan trabalha a revalorização simbólica do pai através do interdito obrigatório da mãe.

Posteriormente, nos Seminários As Psicoses (1955-56 / 1988), As Formações do Inconsciente (1957-58 / 1999) e no texto avulso O mito individual do Neurótico (1952-53 / s.d.), entre outros, desenvolve a idéia do complexo de Édipo juntamente com o conceito de metáfora paterna e sua relação com a formação do sujeito, do simbólico e do inconsciente.

De acordo com Roudinesco (2002), Jacques Lacan, inicialmente, utiliza-se do pensamento estruturalista que encontramos em Lévi-Strauss, nas suas obras *La famille en Europe* (2001); *Préface em Histoire de la famille* (s.d.) e *Les structures elementaires de la parenté* (1967), importando o conceito de estrutura para dar conta do conceito de família dentro da teoria psicanalítica.

Lacan, em 1938, com o seu texto *Os Complexos Familiares* (1981), correlaciona considerações clínicas sobre o Complexo de Édipo, ou a psicopatologia das relações entre pais e filhos, analisando-os sob a luz de várias teorias: psicanalíticas, antropológicas e sociológicas. Reinventa, dessa forma, a família psicanalítica, organizada segundo imagos paternas e maternas, dando a essa organização a responsabilidade pela humanização do indivíduo e o despontar da subjetividade. Mantém, como simbólica, a revalorização do pai, mas opondo uma moral de

obrigação a uma moral da aspiração. O interdito da mãe é, para Lacan, uma obrigação fundamental. Interpretando a Esfinge do Mito de Sófocles como a mãe, ao contrário de Freud que a coloca como pai, Lacan pode ver na sua morte a emancipação das tiranias matriarcais e, assim, preocupar-se em separar o feminino do materno.

Quinet, em sua obra *Clínica da psicose* (1990), indica a articulação posterior da metáfora paterna feita por Lacan:

O Nome-do-pai, inscrevendo-se no Outro, lugar ocupado anteriormente pela 'mãe-coisa', não-simbolizada, permite a articulação entre o complexo de castração e o acesso ao simbólico no processo do Édipo. Por intermédio da metáfora paterna, a significação do falo é evocada no imaginário do sujeito. O efeito da castração simbólica aparece no imaginário como falta: (-φ) (pág.16).

Considerações Finais

Como podemos observar os três autores aqui abordados produzem uma leitura da família pelo viés do complexo de Édipo. Freud, Klein e Lacan, pilares da teoria psicanalítica apresentam três conceitos de família com suas semelhanças e diferenças e, principalmente, formas diferentes de sua utilização clínica e teórica.

Este trabalho sobre o conceito de família proporcionará a sua utilização e dos instrumentos dele advindos, como a transferência e a interpretação junto à família, que assim, terão implicação nos trabalhos clínicos ou teóricos desenvolvidos na saúde pública ou mesmo nos consultórios, vindo a contribuir para futuras pesquisas e reflexões.

Referências

- Freud, S. (1991). *La naissance de la Psychanalyse*. Paris. (Primeira edição em 1897).
- Freud, S. (1980). Romance Familiar do Neurótico. In Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra de 1908-1909).
- Freud, S. (1980). Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita Pelos Homens. In Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra de 1910).
- Freud, S. (1980). A Interpretação dos Sonhos. In Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra de 1900).
- Freud, S. (1980). Cinco lições de psicanálise. In Freud, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra de 1909).
- Freud, S. (1980). Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. In Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra de 1910).
- Freud, S. (1980). Totem e Tabu. In: Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra de 1912-1913).
- Freud, S. (1980). A pulsão e suas vicissitudes. In Freud, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra de 1915).
- Freud, S. (1980). A Dissolução do Complexo de Édipo. In Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra de 1923-1924).
- Freud, S. (1980). Dostoievski e o Parricídio. In Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago (Obra de 1927-1928).
- Freud, S. (1980). O Mal-Estar na Civilização. In: Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra de 1929-1930).
- Freud, S. (1980). Moisés e o Monoteísmo. In Freud, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra de 1939).
- Klein, M. (1970). *Contribuições à Psicanálise*. São Paulo. Editora Mestre Ju.
- Klein, M. (1973). *A educação de crianças*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1981). *Os Complexos Familiares*. Porto: Assírio e Alvim. (Obra de 1938).
- Lacan, J. (texto avulso, s/d). *O mito individual do neurótico*. (Obra de 1952-1953).
- Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 3. As Psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar. (Obra de 1955-1956).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: J. Zahar. (Obra de 1957-1958).
- Quinet, A (1990) *Clínica da Psicose*. Salvador: Fator.
- Roudinesco, E (2002). *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Winnicott, D.W. (1975). *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Martins Fontes. (Obra de 1957-1958).
- Strauss, L. *La famille en Europe*. Paris: Seuil, 2001.
- Strauss, L. *Préface Histoire de la famille*. Paris, s.d.
- Strauss, L. *Les structures elementaires de la parenté*. Paris: Moulom, 1967.

Categoria de contribuição: revisão teórica
Recebido em: 20/11/07
Aprovado em: 30/09/08